

Por uma definição dos processos tecnicamente mediados de associação

Pedro P. Ferreira

(DCSo/PPGAS/UFSCar; CTeMe)

01/03/2011

Resumo: Este texto é um exercício teórico em torno da definição de um recorte de pesquisa centrado naquilo que proponho denominar "processos tecnicamente mediados de associação" (ProTeMAs). O argumento central é que a "realidade objetiva dos fatos sociais" pode ser melhor investigada quando a sua base objetiva não é definida antecipadamente pelo pesquisador, mas sim inferida a partir dos rastros deixados pela propagação e reiteração de configurações relacionais. Para esboçar este argumento, autores diversos foram mobilizados em torno do conceito latouriano de mediações técnicas.

Abstract: This paper is a theoretical exercise around the definition of a research frame centered on what I propose to call "technically mediated processes of association" (ProTeMAs). The main argument is that the "objective reality of social facts" is much better investigated when its objective base is not previously defined by the researcher, but instead inferred from traces left by the propagation and reiteration of relational configurations. To sketch this argument, diverse authors have been mobilized around the latourian concept of technical mediations.

Em Sociologia, o conceito de "associação" é geralmente usado para se referir a agrupamentos voluntários de indivíduos livres e autônomos, em oposição a agrupamentos ligados à tradição ou a afetos e paixões. Max Weber (2004:25; *italicos no original*), por exemplo, distinguiu "relação associativa" - um "*ajuste* ou [...] *união* de interesses racionalmente motivados (com referência a valores ou fins)" que, "como caso típico, pode repousar especialmente (mas não unicamente) num *acordo* racional, por declaração recíproca" - de "relação comunitária" - que "repousa no *sentimento* subjetivo dos participantes de *pertencer* (afetiva ou tradicionalmente) *ao mesmo grupo*" -, uma distinção que, segundo o próprio sociólogo, "lebra a distinção estabelecida por F. Tönnies em sua obra fundamental *Gemeinschaft und Gesellschaft*, entre 'comunidade' e 'sociedade'", tendo sido o termo *Gesellschaft* também muitas vezes traduzido como "associação" (cf. Tönnies 2001:xli-xlii).

No entanto, existem muitas outras maneiras de conceber o termo "associação". Gabriel Tarde, por exemplo, ainda no final do século XIX, escreveu que "[u]ma sociedade é sempre, em graus diversos, uma associação" (Tarde 2004:63), e que "[s]e foi possível comparar a associação humana a um organismo, isto se deveu precisamente a essa finalidade interna que, pela assistência mútua ou convergência de funções, as solidariza ao ponto de serem alternativamente fim e meio umas com relação às outras" (Tarde 2002:114).¹ Esse tipo de concepção, que entende a associação não como um tipo de relação social entre outros mas sim como o fundamento empírico de qualquer configuração social, começou a ganhar importância nos estudos de Sócio-Antropologia da Ciência e da Tecnologia a partir do final do século XX, alcançando certo destaque nos escritos de Bruno Latour. É em torno desta concepção renovada (mas não nova) de "associação"

¹ Todas as citações de obras em inglês e francês foram traduzidas pelo autor.

que este texto se desenvolverá, no esforço de contribuir para o delineamento de um recorte de pesquisa sócio-antropológico centrado naquilo que aqui proponho chamar de "processos tecnicamente mediados de associação" (ProTeMAs).²

Fatos sociais

...nosso princípio fundamental: a realidade objetiva dos fatos sociais. (Durkheim 1950:XXIII)

Como tornar inteligíveis as novas formas encontradas pelas pessoas para conviverem e levarem suas vidas em conjunto, sem necessariamente projetar sobre elas as formas sociais já conhecidas e familiares ao olhar sociológico? Como conhecer processos sociais ainda desconhecidos sem tomar como ponto de partida processos sociais já conhecidos? Como encontrar o que há de novo no novo e não o que há de velho no novo? Não deveria um cientista social encontrar maneiras de levar a sério a experiência das próprias pessoas envolvidas nos processos de associação que compõem a sociedade? E, fazendo isso, não estaria ele aprendendo a pensar *junto* com esses processos, a fazer, da própria produção de conhecimento sobre os processos de associação, um processo de associação ela mesma?³

Esse tipo de esforço para tentar aprender a pensar junto com os processos de associação - em lugar de pretender saber, de início, o que "a sociedade" "é" - é tão

antigo quanto a própria Sociologia, podendo já ser encontrado claramente, como vem argumentando Latour (2005a; 2005b), nos escritos pioneiros de Tarde.⁴ Com efeito, os conflitos entre as idéias de Tarde e as de Émile Durkheim sobre o que é a sociedade e sobre como pesquisá-la ilustram muito bem a diferença entre essa perspectiva que toma o social como campo problemático a ser conhecido e outra que o toma como dado e pressuposto desde o início. Essa diferença fica particularmente clara quando, em nota de rodapé, Durkheim questiona explicitamente a idéia tardeana de "imitação":

Sem dúvida, todo fato social é imitado e [...] tende a se generalizar, mas isso por ser social, quer dizer, obrigatório. Seu poder de expansão é, não a causa, mas a consequência de seu caráter sociológico. (Durkheim 1950:12 nota 1)

Tarde propõe justamente o contrário: o fato social não é imitado, não é algo que se imita; o fato social é a própria imitação, sendo esta ação a causa propagadora e reiteradora de qualquer configuração relacional entre outras.⁵ Como pôde Durkheim trocar "a realidade objetiva dos fatos sociais" - i.e., a maneira como eles efetivamente se concretizam em ações compartilhadas sempre renovadas e moduladas - por apenas uma maneira possível (entre outras) para representá-la - i.e., como um campo já dado de fenômenos ao qual os sociólogos têm acesso privilegiado?⁶ Encarada em sua

2 Um primeiro esboço deste texto foi apresentado no seminário "Antropologia da Ciência e da Tecnologia", organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS) da mesma universidade, e realizado em 26 de maio de 2010 no DCSO/UFSCar. Agradeço imensamente os comentários e críticas que recebi em virtude daquela apresentação, e também a leitura valiosa deste texto por Maria Cecília Diaz-Isenrath.

3 Parafrazeio aqui Gilbert Simondon (2005:36) quando disse que "a individuação dos seres só pode ser apreendida pela individuação do conhecimento do sujeito".

4 Em entrevista a Nicholas Gane (2004:83-4), por exemplo, Latour declarou: "Tarde foi o inventor da sociologia tanto quanto Comte, Spencer e Durkheim [...]. Basicamente, ele era um associacionista lá atrás." O papel de Tarde frente a Durkheim na constituição da Sociologia foi bem trabalhado por Eduardo V. Vargas (2000). Sobre a sociologia tardeana, vale conferir também Vargas (2007).

5 Assim, por exemplo, quando Tarde (2004:121) trata do fundo social da hesitação individual: "se a hesitação que precede um ato de imitação é um fato simplesmente individual, ela tem como causa fatos sociais, isto é, outros atos de imitação já efetuados".

6 Latour acredita que: "O que Durkheim tomou

positividade epistemológica, a proposta durkheimiana de fundar a Sociologia sobre a idéia da realidade objetiva dos fatos sociais já vem sendo reinterpretada há pelo menos quarenta e cinco anos pela etnometodologia, de maneira a desviar o seu foco tradicional e quase exclusivo no "*princípio da objetividade dos fatos sociais*" (a sociedade como *a priori*) para o "*fenômeno da objetivação dos fatos sociais*" (a sociedade como *a praesenti*). No prefácio a seu clássico *Studies in ethnomethodology*, Harold Garfinkel escreveu:

[E]m contraste com certas versões de Durkheim que ensinam que a realidade objetiva dos fatos sociais é o princípio fundamental da sociologia, a lição aprendida e usada como política investigativa é que a realidade objetiva dos fatos sociais, *como* uma realização em andamento das atividades orquestradas da vida cotidiana, com os procedimentos ordinários e engenhosos dessa realização sendo conhecidos pelos membros, usados e tomados como dados, é, para os sociólogos, um fenômeno fundamental. (Garfinkel 1967:vii; itálico no original)

Trinta e cinco anos depois, quando novamente reuniu alguns artigos na forma de outro livro - que deixa claro o "programa da etnometodologia" já no subtítulo: "retrabalhando o aforismo de Durkheim" -, Garfinkel reiterou, em termos análogos, a mesma releitura de Durkheim, transformando a realidade objetiva dos fatos sociais, de "princípio", em "fenômeno" sociológico fundamental.⁷ Mas o que muda

erroneamente pelo efeito de uma ordem social *sui generis* é simplesmente o efeito da sobreposição de tantas técnicas em nossas relações sociais." (Latour 1994b:60)

7 "De acordo com o aforismo de Durkheim, 'A realidade objetiva dos fatos sociais é o princípio fundamental da sociologia'. Princípio fundamental da sociologia? Aí está o problema. [...] Durkheim estava lindamente e originalmente correto, mas esta palavra 'princípio' em particular foi mal aconselhada. [...] A etnometodologia vem reespecificando o aforismo de Durkheim para que ele seja lido diferentemente. Sim, seu aforismo diz 'A realidade objetiva dos fatos sociais é o fenômeno fundamental da sociologia.'" (Garfinkel 2002:65-6; itálico no original)

com essa transformação?

Logo de início, cumpre notar que não existe nessas interpretações alternativas do fato social nenhuma intenção de colocar em dúvida a própria realidade objetiva dos fatos sociais, apenas de realocá-la. Tanto em Tarde quanto em Garfinkel existe um esforço para produzir algum conhecimento empiricamente fundamentado sobre a organização e o funcionamento da sociedade, e neste sentido ambos buscam dar conta da realidade objetiva dos fatos sociais. No entanto, enquanto a interpretação dominante de Durkheim (poderíamos dizer: aquela que a sua obra mais facilmente autoriza) parte do princípio da existência de uma objetividade coercitiva nos fatos sociais, as alternativas aqui apontadas buscam entender como (por quais meios, práticas, técnicas, métodos) esses fatos adquirem e mantêm qualquer objetividade coercitiva. A ordem social não surgiu de uma vez por todas no passado: ela é o resultado sempre provisório de um conjunto orquestrado de ações e expectativas mútuas.⁸ Poderíamos até mesmo dizer, como Weber (2004:16; itálicos no original) e sem contradição com o aforismo durkheimiano, que uma dada configuração associativa (ele disse "relação social") "*consiste*, portanto, completa e exclusivamente na *probabilidade* de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido)", desde que esta probabilidade seja entendida em sua objetividade coercitiva.⁹

Deleuze e Guattari (1997:120) certa vez afirmaram, em tom provocativo, que "as ciências do homem, com seus esquemas materialistas, evolucionistas, ou mesmo

8 Nas palavras de Latour (1986:270): "simplesmente precisamos entender que as origens da sociedade ainda estão conosco hoje e que debates sobre como tudo começou ainda estão moldando nosso comportamento aqui e agora."

9 Sobre o ainda muito mal compreendido conflito entre as sociologias durkheimiana e weberiana, concordo com Anne W. Rawls (2002:49) quando disse que Weber e Durkheim "podem ser vistos como fundando a disciplina essencialmente no mesmo conselho", i.e., "a coleta cuidadosa de detalhes empíricos relativos ao reconhecimento inicial de formas sociais".

dialéticos, estão em atraso em relação à riqueza e à complexidade das relações causais tal como aparecem em física ou mesmo em biologia". Quando Tarde (2007:81) disse que "[t]odas as ciências parecem destinadas a tornarem-se ramos da sociologia", quando Garfinkel (2002:76) buscou "demonstrar a lei da queda dos corpos enquanto fenômeno sociológico", ou mesmo quando Durkheim (2008:33) demonstrou que "a noção de forças naturais é muito provavelmente derivada da noção de forças religiosas", muito longe de um anti-cientificismo subjetivista, eles na verdade indicaram a direção para que o "atraso" apontado por Deleuze e Guattari possa ser superado.¹⁰ Se é preciso questionar certos pressupostos durkheimianos, é porque, transformando em princípio explicativo justamente o fenômeno que precisa ser explicado, eles acabam nos distanciando, em lugar de nos aproximarem, da realidade objetiva dos fatos sociais.

Nota-se, assim, que a leitura de Durkheim feita por Garfinkel restitui aos fatos sociais sua dimensão processual e performática (i.e., aquela que compõe empiricamente sua "realidade objetiva"), renovando na Sociologia um interesse pela complexidade relacional que esta parecia ter abandonado junto com o legado de Tarde. Não existe realidade objetiva dos fatos sociais sem agentes para realizar essa objetividade na interação. Mas devolver os fatos sociais à sua base interacional é apenas o primeiro passo. Uma vez deslocada a atenção do "fato" para o "co-fazer", é preciso heterogeneizar esses próprios processos produtivos, restituindo à multiplicidade aberta de seus agentes a "cidadania sociológica" que tradicionalmente é reservada apenas aos "humanos como nós".

¹⁰ É raro ver atualmente tamanha convicção na importância do papel da Sociologia como neste tipo de expressão: "A extensão do ponto de vista sociológico, nosso ponto de vista luminoso por excelência, à universalidade dos fenômenos está destinada a transformar radicalmente a relação científica das condições ao resultado." (Tarde 2007:93)

Processos de associação

Uma maneira alternativa de definir sociologia é torná-la o estudo de *associações* (Latour 1986:277; itálico no original)

Como fazer, então, dos processos de associação, o objeto empírico da Sociologia? Em primeiro lugar, a palavra "associação" deve ser entendida como um verbo, como "ação associativa" ou "ação que associa" (processo), e não como substantivo ou "grupo resultante de uma ação coletiva" (produto). Em segundo lugar, a definição do "agente associativo" - i.e., aquele que realiza a ação associativa - depende, ela própria, do processo de associação sob investigação e, portanto, não pode ser realizada de antemão e nem de maneira absoluta. Mas como pode a ação associativa ser a unidade analítica da Sociologia se não podemos atribuí-la claramente a um agente? Deixando o trabalho de atribuição para os próprios agentes, que indicarão ao investigador as polarizações relevantes para cada um em cada caso.

A recusa em definir antecipadamente o *locus* de agência, entretanto, não nos impede de propor certos princípios norteadores para a interpretação dos processos de associação em cada caso particular. Neste sentido, ação associativa pode ser concebida como podendo se manifestar tanto na forma de uma "linha associativa" quanto na forma de um "meio associativo". Uma linha de ação associativa pode ser entendida como uma propagação variável, por diferentes meios, de uma certa configuração relacional, sendo a trajetória desta propagação um índice do processo de associação como linha. Já um meio associativo pode ser entendido como uma reiteração variável de uma certa configuração relacional de linhas de ação, sendo a consistência fenomênica desta reiteração um índice do processo de associação como meio. Nota-se, imediatamente, que a definição de cada uma das manifestações da ação associativa pressupõe a outra (a linha atravessa meios

que são compostos por linhas), de maneira que podemos encará-las como duas perspectivas sobre o mesmo fenômeno, algo como olhar para um tecido, ora da perspectiva de cada um dos fios que o compõem, ora da perspectiva da malha que eles compõem e mantêm em conjunto. Em ambos os casos, trata-se de rastrear um processo de associação e torná-lo acessível à análise, mas em um caso enquanto delineamento de uma ação associativa e no outro enquanto especificação de um meio associativo.

Mas o que muda quando os processos de associação (e não mais, por exemplo, a "sociedade") passam a ser encarados como o verdadeiro objeto das Ciências Sociais? Por um lado, poderíamos dizer que "processos de associação" diferem de "sociedades" como "processos" diferem de seus "produtos". Passamos assim, de uma perspectiva voltada para realidades sociais já constituídas (e portanto pressupostas pelo investigador), para outra voltada para realidades sociais ainda em formação (e portanto exigindo investigação). Com isso, a atenção é deslocada de problemas gerais de tipo hobbesiano – *e.g.*, "como a sociedade é possível?" –, baseados em dualismos entre estados já dados, para problemas contingenciais baseados nas tendências e variações de processos ainda em andamento – *e.g.*, "como funciona esta ou aquela associação em particular?" O clássico problema durkheimiano da anomia e da dissolução do laço social se revela, com esse deslocamento, pouco mais que uma ilusão (no sentido bergsoniano de um "falso problema")¹¹ gerada pelo questionável pressuposto inicial de uma totalidade

11 Deleuze (1966:6; itálicos no original) apresentou da seguinte forma a noção bergsoniana de "falso problema": "*Os falsos problemas são de dois tipos: 'problemas inexistentes', que se definem pela confusão do 'mais' e do 'menos' nos próprios termos do problema; e 'problemas mal colocados', que se definem pelo fato de que seus termos representam mistos mal analisados.*" Não cabe desdobrar aqui esta noção, apenas indicar que o "problema hobbesiano" parece falhar em ambos os pontos.

sociológica ideal.

Por outro lado, o deslocamento do interesse sociológico de "sociedades" para "processos de associação" exige a suspensão controlada, por parte do pesquisador, de qualquer privilégio ontológico ou epistemológico na definição dos agentes envolvidos no campo empírico. Em sua "monadologia renovada", Tarde (2007:57-8) parte da constatação de que "esses elementos últimos aos quais chega toda ciência, o indivíduo social, a célula viva, o átomo químico, só são últimos da perspectiva de sua ciência particular", e conclui que "de eliminação em eliminação" poderíamos chegar ao "núcleo central de onde parece que ele [cada um desses elementos] aspira a se irradiar indefinidamente". Numa perspectiva genética análoga àquela adotada por Simondon para investigar os processos de individuação, Tarde atribui assim estatuto ontológico à associação (processo pelo qual o elemento, concebido em sua virtualidade universalizante, se propaga), concluindo que "seriam então os verdadeiros *agentes* esses pequenos seres que dizemos serem infinitesimais, seriam as verdadeiras *ações* essas pequenas variações que dizemos serem infinitesimais" (Tarde 2007:61; itálicos no original). Para ilustrar a centralidade dessa concepção de agência para o estudo dos processos de associação, vale considerar a representação gráfica que Alfred Gell (1998:38) forneceu da relação "agente-paciente" em sua teoria antropológica da arte (cf. Figura 1).

A figura de Gell apresenta dois círculos [A] e [P] não sobrepostos e dois círculos [A'] e [P'] parcialmente sobrepostos na região [A'+P'], sendo que [A'] contém [A] em seu interior e [P'] contém [P] em seu interior. Os círculos não sobrepostos [A] e [P] representam os "seres intencionais" distintos "agente" e "paciente", enquanto os círculos parcialmente sobrepostos [A'] e [P'] representam os "meios causais" (*causal milieu*) através dos quais uma ação pode ser realizada pelo agente [A] (no caso de [A']) ou sofrida pelo paciente [P'] (no caso de [P']), sendo a área de sobreposição [A'+P']

aquela na qual uma ação realizada pelo agente [A] poderá ser sofrida pelo paciente [P]. É nessa área de sobreposição [A'+P'] que Gell localiza a obra de arte, objeto de sua Antropologia da Arte, definindo-o como um índice capaz de permitir ao paciente [P] a abdução da agência [A] sofrida.

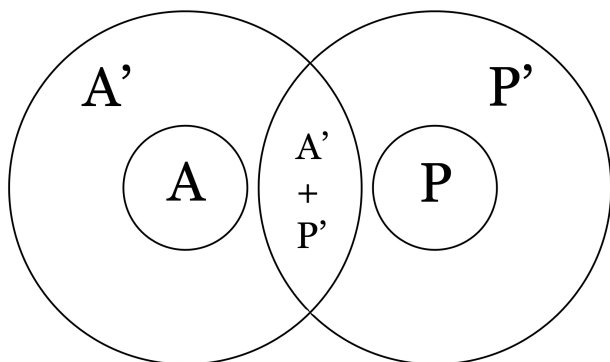


Figura 1

Legenda: Adaptação da representação oferecida em Gell (1998:38) para a relação entre agente [A] e paciente [P] na sua teoria antropológica da arte. Mais detalhes no texto.

Para que a figura de Gell possa ilustrar a concepção associativa de agência (cf. Figura 2), é preciso, em primeiro lugar, substituir a idéia de uma relação assimétrica "agente-paciente" por outra na qual existem apenas agentes, e uma multiplicidade a princípio indefinida deles. Em outras palavras, da perspectiva dos processos de associação, é impossível sofrer uma ação sem, ao mesmo tempo agir, e graus variados de agência e passividade convivem em qualquer agente.¹² Assim, substituímos os círculos [P] e [P'] por uma multiplicidade de círculos [A] ([A1], [A2], [A3], [A4] . . .), cada um com seu círculo [A'] correspondente ([A1'], [A2'], [A3'], [A4'] . . .). Em segundo lugar, é preciso notar que aquilo que Gell representou como os círculos [A] e [A'] são,

da perspectiva de Tarde, um agente infinitesimal [A] e sua esfera de influência ou domínio [A']. Com isso, poderíamos chegar a conceber uma imagem na qual vários agentes [A1], [A2], [A3], [A4] . . . se influenciam mutuamente através da sobreposição de seus meios causais [A1'], [A2'], [A3'], [A4'] . . ., o processo de associação realizado por cada agente correspondendo à sobreposição de seu meio causal com os de outros agentes, e a realidade objetiva dos fatos sociais crescendo junto com o número de sobreposições.¹³

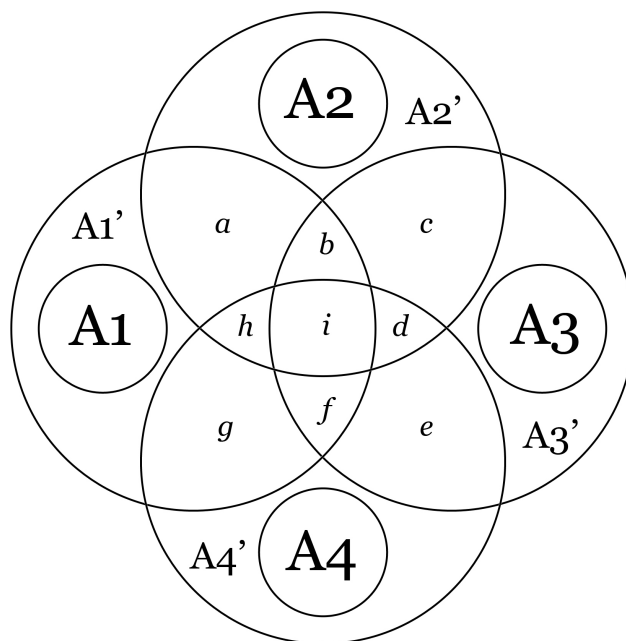


Figura 2

Legenda: Representação arbitrária de processos de associação envolvendo quatro agentes [A1], [A2], [A3] e [A4], cada um com seu respectivo meio causal [A1'], [A2'], [A3'] e [A4']. No caso desta representação, tais meios causais se sobrepõem nas seguintes combinações: (a) [A1'+A2']; (b) [A1'+A2'+A3']; (c) [A2'+A3']; (d) [A2'+A3'+A4']; (e) [A3'+A4']; (f) [A3'+A4'+A1']; (g) [A4'+A1']; (h) [A4'+A1'+A2']; (i) [A1'+A2'+A3'+A4'].

¹² Gell, que definiu seu conceito de agência como "relacional" - "para qualquer agente, há um paciente, e inversamente, para qualquer paciente, há um agente" (Gell 1998:22) -, deixou margem para este tipo de interpretação de seu esquema também quando disse: "O conceito de 'paciente' não é [...] simples, visto que ser um 'paciente' pode ser uma forma de agência (derivada)." (Gell 1998:23)

¹³ A variedade possível de áreas de sobreposição se multiplica a cada novo agente incorporado no esquema. No caso bastante simétrico e abstrato dos quatro agentes [A1], [A2], [A3] e [A4] da Figura 2, temos: quatro sobreposições duplas (a, c, e, g); quatro sobreposições triplas (b, d, f, h); e uma sobreposição quádrupla (i).

A figura de Gell que aqui transformamos para ilustrar os processos de associação é, vale notar, bastante diferente daquela sugerida por Latour (2005a:177) para o ator-rede: "uma forma do tipo estrela [*a star-like shape*], com um centro rodeado por muitas linhas irradiantes com todo tipo de pequenos canais que conduzem para dentro e para fora." Ao mesmo tempo em que demonstra certa autonomia do recorte aqui proposto, essa diferença reforça que, como bem notou Latour (2005a:133), "o mapa não é o território", e nenhuma representação gráfica usada pelo pesquisador deveria ser confundida com os "ricos objetos" sob investigação.

Pelo menos não há risco de acreditarmos que o próprio mundo seja feito de pontos e linhas [ou, no caso presente, de círculos sobrepostos], ao passo que cientistas sociais muito frequentemente parecem acreditar que o mundo é feito de grupos sociais, sociedades, culturas, regras, ou qualquer outra disposição gráfica eles empregaram para fazer sentido de seus dados. (Latour 2005a:133)

Mesmo sem fazer menção alguma a Tarde ou à sua monadologia, o esquema de Gell contribui para a compreensão da noção de agência nela implicada por tomar como unidade de análise não a complexidade subjetiva dos seres intencionais, mas sim as características já concretizadas do objeto de arte compartilhado, i.e., o índice. Em outras palavras, não se trata aqui de penetrar na complexidade infinitesimal de qualquer agente que seja, mas tão somente de acompanhar (e portanto registrar e investigar), através do rastro que deixam em um ambiente compartilhado (o meio causal), alguns processos de associação. As múltiplas combinações possíveis de sobreposição dos meios causais dos agentes são (ou portam) os índices de processos de associação e, nesta condição, têm um especial valor para o cientista social. Renunciando assim a qualquer saber tácito sobre os "verdadeiros agentes" dos processos associativos, ele poderia se dedicar a inferí-los a partir dos rastros que

deixam em um meio causal compartilhado.

Tarde (2007:77; *itálicos no original*) transmitiu uma idéia análoga quando propôs a imagem de uma nação com "*quatrilhões* ou *quintilhões* de homens hermeticamente fechados e inacessíveis individualmente", sobre os quais soubéssemos apenas os "dados de seus estatísticos, cujos números relativos a enormes massas se reproduziriam com uma extrema regularidade":

Quando uma revolução política ou social, que nos seria revelada por um aumento ou uma diminuição bruscos de alguns desses números, se produzisse nesse Estado, por mais que tivéssemos certeza de que se trata de um fato causado por idéias e paixões individuais, evitaríamos nos perder em conjeturas supérfluas sobre a natureza dessas únicas causas verdadeiras, apesar de impenetráveis, e o mais sensato nos pareceria explicar, bem ou mal, os números anormais por comparações engenhosas com os números normais habilmente manejados. Atingiríamos assim, pelo menos, resultados claros e verdades simbólicas. Contudo, seria importante nos lembrarmos, de tempos em tempos, do caráter puramente simbólico dessas verdades; e é precisamente o serviço que poderia prestar às ciências a afirmação das mônadas. (Tarde 2007:77-8)

"Resultados claros e verdades simbólicas", seria pedir demais das Ciências Sociais? Se a realidade objetiva dos fatos sociais é o fenômeno cuja gênese e manutenção é preciso investigar, então será preciso partir das manifestações empíricas e objetivas da própria associação para, só depois, pretender alcançar qualquer conhecimento sobre os agentes envolvidos. O que esse tipo de esforço busca acrescentar ao fato etnometodológico da fundamentação interacional da ordem social é a constatação de que, se por um lado tais práticas interacionais geralmente envolvem muitos agentes que normalmente não seriam classificados pelo sociólogo como humanos, por outro é justamente essa multiplicidade típica dos processos classificatórios que

precisamos investigar em sua complexidade.

As propostas sociológicas de Tarde, Garfinkel e Latour, apesar de todas as suas diferenças, compartilham um interesse pela dimensão interacional e contextual das práticas sociais, ou seja, pelas maneiras como configurações sociais são concretizadas e vividas de diferentes maneiras nas práticas cotidianas dos agentes (múltiplos e herogêneos) em diferentes contextos ou condições. Trata-se de um enfoque mais interessado nos processos de sociogênese e antropogênese como devir e individuação, do que como coerção de indivíduos já dados por um indivíduo superior também já dado. Vimos que o estudo dos processos de associação exige a cuidadosa consideração das categorias e dos conceitos usados pelo investigador/analista. Além da contribuição de propostas "metassociológicas" como a Etnometodologia e de metodologias empíricas e documentais como a etnografia nesta tarefa, o paradigma associativo também tem se beneficiado de trabalhos ligados a algumas vertentes filosóficas que se dedicaram a pensar a diferença e a individuação, notadamente aquelas que alguns reuniram sob o rótulo de "tradição menor" da filosofia do século XX.¹⁴ Poderíamos inclusive, com alguma fundamentação factual, agrupar autores como Tarde, Garfinkel e Latour (entre muitos outros) numa espécie de "tradição menor em Sociologia", muito frequentemente confundida com uma "microsociologia" (em oposição a uma "macrossociologia"), mas em verdade muito mais próxima de uma "associologia" (cf. Latour 2005a:9).

14 Segundo Philip Turetzky (1998:117-20), a tradição menor (*distaff tradition*) se inicia com Henri Bergson e desemboca em Gilles Deleuze, sendo "herdeira" de Nietzsche, Leibniz, Espinosa, Duns Scotus e dos estoicos.

Mediações técnicas

Máquina, como o nome indica, é, antes de tudo, maquinação, estratagema, um tipo de esperteza em que as forças usadas mantêm-se mutuamente sob controle, de tal modo que nenhuma delas possa escapar do grupo. (Latour 2000:212)

Quando Walter Benjamin (1994) quis distinguir a reprodutibilidade técnica das outras formas de reprodução, bastou-lhe mencionar alguns exemplos que ilustrassem a especificidade técnica do modo de reprodução ao qual se referia: o fato de se basear na substituição da intervenção humana direta, intencional, potencialmente arbitrária, pelos processos automáticos da mecânica e da química.¹⁵ Gregory Bateson (1985:113-4) certamente contribuiu para o enriquecimento de nossa compreensão sobre as mediações técnicas quando apontou para a diferença entre a *transmissão* de energia entre dois sistemas e a *liberação* de energia de um sistema por outro - neste segundo caso, correspondendo à mediação técnica, a diferença entre a energia liberada e a energia usada para liberá-la pode ser gigantesca, como quando explodimos uma bomba apertando um botão. Se quisermos, no entanto, considerar o conceito de tecnicidade que informa esse tipo de especificidade, seremos conduzidos aos estudos de Gilbert Simondon (1969), que o definiu como a individuação gradual de um sistema relativamente autônomo de causalidades recíprocas.

Para Simondon (1969:20-1, 23, 27), o objeto técnico "não é esta ou aquela coisa, dada *hic et nunc*, mas aquilo de que há gênese", ele "existe então como tipo específico obtido ao final de uma série convergente" e, "oriundo de um trabalho abstrato de organização de sub-conjuntos, [ele] é o teatro de um certo número [ou "uma multidão"] de relações de causalidade recíproca". O objeto técnico, inicialmente

15 Os exemplos de reprodução técnica citados por Benjamin (1994) foram: xilogravura; imprensa; chapa de cobre; água forte; litografia; fonografia; fotografia; e cinema.

abstrato – i.e., dependente de uma ação direta por parte de um operador –, se concretiza gradualmente – i.e., ganha autonomia, agência própria – a partir do desdobramento relacional de suas causalidades recíprocas, sendo tal desdobramento orientado pelo princípio genético da tecnicidade. Nesse sentido, quando dizemos que uma mediação é "técnica", estamos destacando, sobretudo, a distinção entre o sistema relativamente determinado de causalidades recíprocas da mediação técnica (situada, assim, em uma região especialmente densa em sobreposições daquilo que Gell chamou de "meio causal") e a natureza relativamente indeterminada e *ad hoc* de outros tipos de mediação. Misto de acaso e necessidade, a mediação técnica, nos coloca, assim, entre a liberdade arbitrária do espírito e as determinações internas da matéria, ali onde justamente as fronteiras entre o sujeito e o objeto, o humano e o não-humano, o social e o natural, são constantemente renegociadas.¹⁶

Mas além de se constituir enquanto um sistema relativamente autônomo de causalidades recíprocas, o objeto técnico cumpre funções específicas, serve à realização de certos fins. Toda máquina, por exemplo, possui funções, designáveis como "fazer x", i.e., como um certo emprego de meios para alcançar certos fins. Todo objeto técnico envolve, portanto, alguma preocupação com a otimização da relação entre meios e fins, e toda mediação técnica se encontra intrinsecamente submetida a algum critério de eficácia funcional: é preciso que haja alguma relação mensurável, em termos de maior ou menor afinidade, entre o resultado da operação (entendida como mediação técnica) e a sua motivação inicial (o fim desejado, a função designada). Isso não reduz a mediação técnica à teleologia, uma vez que a

autonomia relativa do sistema de causalidades recíprocas que a caracteriza freqüentemente supera ou frustra as expectativas que motivaram o seu acionamento. Há, em outras palavras, um descompasso entre o que se espera inicialmente dos meios e o que efetivamente resulta deles, uma espécie de agência interna aos objetos técnicos – que Latour (2002) chamou de "o fim dos meios" – que denuncia sua autonomia relativa de qualquer fim particular. A concretização de um objeto técnico pode ser entendida, de um ponto de vista sociológico, como um processo de associação no qual diferentes agentes negociam suas finalidades entre si com crescentes autonomia relativa frente à ação individual de cada associante, e eficácia funcional na reiteração e propagação da associação. ProTeMAs, neste sentido, podem ser definidos como processos de associação que têm, entre seus associantes, esses agentes específicos: os objetos técnicos.

A definição latouriana de "mediação técnica" (que ele encara como sinônimo de "ação técnica") é: "uma forma de delegação que nos permite mobilizar, durante interações, movimentos realizados alhures, antes, por outros actantes" (Latour 1994b:52). Fazendo do personagem mítico grego Dédalo um epônimo para técnica, Latour parte do termo grego *daedalion* para definir a técnica e a tecnologia como desvios no curso da ação que, engenhosamente, colocam o agente mais próximo de seu objetivo.¹⁷ Reunindo, assim, elementos materiais provenientes de outros tempos e

16 Latour (1994b:41) falou desse mesmo *locus* quando disse, em sua análise sociológica do "quebra-molas": "Estou lutando para me aproximar da zona onde algumas, mas não todas, as características do concreto se tornam policiais, e algumas, mas não todas, as características de policiais se tornam quebra-molas".

17 Uma definição análoga de mediação técnica foi oferecida por Gell (1988:6; *italico no original*): "O que distingue 'técnica' de não-técnica é um certo grau de *circuitosidade* [*circuitousness*] na realização de qualquer objetivo dado. [...] Técnicas formam uma ponte [...] entre um conjunto de elementos 'dados' [...] e um objetivo-resultado que deve ser alcançado usando esses dados. Os elementos dados são rearranjados inteligentemente, de forma que suas propriedades causais sejam exploradas na obtenção de um resultado que é improvável exceto à luz desta intervenção particular. [...] Meios técnicos são meios tergiversantes de garantir algum resultado desejado."

lugares, as mediações técnicas envolvem um desvio calculado (geralmente só percebido quando os meios falham) na realização de qualquer fim ou função. Mas como mediação técnica faz para adicionar aos eventos presentes estas dobras espaço-temporais para as quais ações específicas podem ser delegadas?

Um dos argumentos mais elementares empregados por Latour para destacar a especificidade daquilo que chamou de "mediações técnicas" (cf. Latour 1994b) é aquele que deu título a um de seus artigos: "a tecnologia é a sociedade tornada durável" (Latour 1991). Partindo de uma colaboração com a primatóloga Shirley Strum, Latour renovou uma intuição antropotécnica seminal de André Leroi-Gourhan. Segundo essa intuição, a evolução tecnológica é parte indissociável da gênese e evolução humanas e sociais (tecnogênese, antropogênese e sociogênese, assim, se referem mutuamente),¹⁸ sendo que o interessante aí não é arbitrar sobre a especificidade humana enquanto *homo faber*, mas sim jogar luz sobre como essa especificidade é sempre reconstruída a cada nova associação entre humanos e não-humanos. Se mantivermos em mente o princípio etnometodológico de que a realidade objetiva dos fatos sociais é o "fenômeno" fundamental da Sociologia, então os ProTeMAs poderiam até mesmo ser encarados como o fato social por excelência: afinal, eles satisfazem as exigências durkheimianas de externalidade, resistência e poder coercitivo, sem com isso substituírem as complexidades interacionais por uma entidade transcendente e distinta das interações concretas. Objetos técnicos são agentes ao lado de outros e, neste sentido, são exteriores aos outros agentes sem exigirem a existência de um campo já dado e *sui generis* dos fenômenos sociais. Além disso, uma vez concretizados, eles são

efetivamente capazes de propagar e reiterar associações de outros tempos e espaços no aqui-agora, potencializando certas associações em detrimento de outras (cf. Latour 1986). Em outras palavras, o fato social pode perfeitamente existir apenas no seu desempenho interacional presente (é o que ocorre, conclui Latour a partir de sua colaboração com Strum, entre certos babuínos), mas para que ele adquira o caráter de um objeto durável (em oposição a um objeto instável) é imprescindível a intromissão de agentes capazes de sustentar (i.e., mediar, propagar, reiterar) essa durabilidade.

A sociedade só se mantém estável em meio às interações que a atualizam quando incorpora "associações *que duram mais do que as interações que as formaram*" (Callon e Latour 1981:283; *itálicos no original*), ou seja, mediadores duráveis e capazes de concretizar/materializar/objetificar essas mesmas interações para além do aqui-agora. Dentre tais mediadores, os objetos técnicos se destacam não só pelo seu poder reiterador e propagador de interações passadas, muito maior do que o de outros tipos de objetos, mas também pela sua flexibilidade e abertura a novas interações. Nas palavras de Latour, os objetos técnicos "resolvem a contradição entre durabilidade e flexibilidade" (Latour 1994b:61), pois permanecem abertos às variações interacionais sem com isso perderem seu poder objetivador.

Uma tal concepção de técnica tem a vantagem de jogar luz sobre dois aspectos centrais dos ProTeMAs: (1) a sua concretude, ou pelo menos tendência à concretização, o que reconduz diretamente ao seu poder de concretização de interações específicas; (2) e a sua heterogeneidade espaço-temporal intrínseca, reiterando no presente interações passadas e propagando interações de um lugar para outros. Os ProTeMAs contribuem, assim, para a realidade objetiva dos fatos sociais, na medida em que propagam e reiteram aqui-agora, contando para isso com a solidez da matéria, certas configurações interacionais

18 Uma tal convergência de problemáticas sociológicas, antropológicas e tecnológicas pode ser notada, por exemplo, na definição latouriana de técnica: "a socialização de não-humanos" (Latour 1994b:53).

originalmente concebidas ou desempenhadas em outros tempos e lugares. Além disso, ao envolver a agência de meios consideravelmente estáveis para a realização de fins, os ProTeMAs podem ser entendidos como configurações relacionais transumanas (pois conjugam relações humanas e não-humanas) tacitamente aceitas pelos agentes, ou seja, não-controversas. Nessa condição (mesmo que instável e sempre renegociada), podemos dizer que os objetos técnicos envolvidos num ProTeMA se tornam porta-vozes variavelmente autorizados do estado das interações que eles mediam, e colocam o pesquisador em uma perspectiva privilegiada no que se refere à verificabilidade de seus dados e à fundamentação empírica de suas análises. Objetos técnicos materializam - inclusive na forma de registros automáticos, como no caso de algumas máquinas - rastros dos processos de associação dos quais participam, objetivando (e possivelmente tornando mensuráveis e quantificáveis) processos que, sem isso, não ultrapassariam o aqui-agora.

Nota-se que, enquanto a interpretação dominante da concepção de fatos tecnocientíficos proposta pela teoria do ator-rede é a que insiste na "abertura de caixas pretas" (central na investigação do processo de construção de fatos tecnocientíficos), o recorte dos ProTeMAs enfatizam justamente o processo oposto (mas igualmente fundamental e claramente complementar), o fechamento de caixas-pretas, o processo de composição do social pela sua concretização em objetos duráveis. Mesmo Latour já lamentou a ênfase unilateral na desconstrução:

A teoria do ator-rede já foi confundida com uma ênfase pós-moderna na crítica das 'Grandes narrativas' e da perspectiva 'Eurocêntrica' ou 'hegemônica'. Dispersão, destruição e desconstrução não são objetivos a serem alcançados, mas aquilo que precisa ser superado. É muito mais importante conferir o que são as novas instituições, os novos procedimentos e conceitos capazes de coletar e

reconectar o social. (Latour 2005a:11)

O problema não deveria ser o ato de fechar caixas-pretas (trata-se, afinal, de um dos principais atos fundadores de coletivos), mas sim o ato de se esquecer, como "os modernos" (Latour 1994a), que esse ato de fechamento precisa ser reiterado e propagado a cada nova interação, imperativo este favorecido notadamente pelos ProTeMAs.

Conclusão

Admitamos que os etnometodólogos estão certos, que apenas interações locais existem, produzindo ordem social aqui-agora. E admitamos que os sociólogos dominantes estão certos, que ações à distância podem ser transportadas e se impor às interações locais. Como essas posições podem ser reconciliadas? (Latour 1994b:51)

Percorremos neste texto um trajeto teórico experimental que, em meio a um arriscado ecletismo disciplinar, teve como eixo condutor a proposta latouriana para o estudo dos processos de associação. O problema da relação indivíduo/sociedade sempre foi central para as Ciências Sociais, capaz de dividir seus praticantes entre aqueles que privilegiam o indivíduo (correntes microssociológicas, psicossociológicas, interacionais etc) e aqueles que privilegiam a sociedade (correntes macrosociológicas, sistêmicas, críticas etc.), ou então aqueles que buscam algum tipo de compromisso entre essas duas perspectivas, reconhecendo tanto a estabilidade social quanto a autonomia individual. A proposta latouriana poderia até mesmo ser colocada ao lado dessas últimas teorias unificadoras, não fosse pelo fato de que ela não busca nenhum compromisso entre pólos opostos pré-existentes (como "indivíduo e sociedade" ou "ação e estrutura"), antes voltando-se para o ponto intermediário a partir do qual estas (e muitas outras) entidades emergem, o campo relacional dos processos de associação.

A mônada de Tarde pode ser vista

como uma possível imagem para a concepção latouriana do ator-rede: um foco de ação que se espalha por uma rede de associações, de maneira que cada agente se torna a manifestação localizada da rede que ele propaga e reitera, com e contra inúmeras outras, em sua ação.¹⁹ Entre tais agentes, e como uma "tradução" da noção latouriana de mediação técnica, propusemos destacar um, que chamamos de ProTeMA, enfatizando sua especificidade no que se refere tanto ao potencial objetivador dos fatos sociais, quanto ao potencial analítico desses próprios fatos sociais em registros comparáveis e analisáveis. Espera-se que pesquisas que tomem ProTeMAs como unidade analítica²⁰ possam contribuir com os esforços já existentes de fazer da sociologização da própria objetividade científica o ponto de partida para uma nova concepção de Ciências Sociais.

Referências

- BATESON, Gregory. 1985. *Mind and nature: a necessary unity*. London: Flamingo.
- BENJAMIN, Walter. 1994. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e História da cultura*. Obras Escolhidas. Vol.1. (Trad. Sérgio P. Rouanet) São Paulo: Brasiliense, pp.165-96. [1936]
- CALLON, Michel; LATOUR, Bruno. 1981. Unscrewing the big Leviathan: how actors macro-structure reality and how sociologists help them to do so. In: K. Knorr-Cetina; A.V. Cicourel (eds.). *Advances in social theory and methodology: toward and integration of micro- and macro-Sociologies*. Boston: Routledge; Kegan Paul, pp.277-303.
- DELEUZE, Gilles. 1966. *Le bergsonisme*. Paris: PUF.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1997. 7 000 A.C. - Aparelho de captura. In: *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. (Trad. Janice Caiafa) São Paulo: Ed.34, pp.111-77. [1980]
- DURKHEIM, Émile. 1950. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: PUF. [1894]
- _____. 2008. *Les formes elementaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie*. Livre I: Questions
- 19 Isto se torna mais evidente em passagens como a seguinte: "qualquer lugar será considerado um ator-rede se ele for a fonte daquilo que age à distância em outros lugares [...] e o ponto final de todas as transações que levam a ele" (Latour 2005a:222 nota 304).
- 20 Uma tentativa precoce de aplicação deste recorte a um caso empírico pode ser encontrada em Ferreira (2008).
- préliminaires. Les Classiques des Ciencias Sociales. Chicoutimi: Université du Québec à Chicoutimi. [1912]
- FERREIRA, Pedro P. 2008. Parâmetros, tendências e limiares de funcionamento na música eletrônica de pista. Trabalho apresentado no 32º Encontro Anual da ANPOCS - GT 26: Novos modelos comparativos: Antropologia Simétrica e Sociologia Pós-Social. Caxambu-MG, 27 a 31 de outubro.
- GANE, Nicholas. 2004. Bruno Latour: the social as association. In: *The future of social theory*. London: Continuum, pp.77-90.
- GARFINKEL, Harold. 1967. *Studies in ethnomethodology*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall.
- _____. 2002. *Ethnomethodology's program: working out Durkheim's aphorism*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- GELL, Alfred. 1988. Technology and magic. *Anthropology Today* 4(2):6-9.
- _____. 1998. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press.
- LATOUR. 1986. The powers of association. In: John Law (ed.). *Power, action and belief: a new Sociology of Knowledge?* London: Routledge; Kegan Paul, pp.264-80.
- _____. 1991. Technology is society made durable. In: John Law (ed.). *A Sociology of Monsters? Essays on Power, Technology and Domination*. London: Routledge, pp.103-31.
- _____. 1994a. *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica*. (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed.34. [1991]
- _____. 1994b. On technical mediation: Philosophy, Sociology, Genealogy. *Common Knowledge* 3(2):29-64.
- _____. 2000. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. (Trad. Ivone C. Benedetti) São Paulo: Editora Unesp. [1987].
- _____. 2002. Morality and technology: the end of the means. *Theory, Culture & Society* 19(5/6):247-60.
- _____. 2005a. *Reassembling the social*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. 2005b. Gabriel Tarde and the end of the social. *Multitudes* <<http://multitudes.samizdat.net/spip.php?article2085>>
- RAWLS, Anne W. 2002. Editor's introduction. In: Harold Garfinkel. *Ethnomethodology's program: working out Durkheim's aphorism*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, pp.1-64.
- SIMONDON, Gilbert. 1969. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier-Montaigne. [1958]
- _____. 2005. *L'individuation à la lumière des notions de forme et d'information*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon. [1958]
- TARDE. 2002. *La logique sociale*. Première partie: Principes. Les Classiques des Ciencias Sociales. Chicoutimi: Université du Québec à Chicoutimi. [1893]
- _____. 2004. *Les lois de l'imitation*. Chapitres I à V. Les Classiques des Ciencias Sociales. Chicoutimi: Université du Québec à Chicoutimi. [1890]
- _____. 2007. *Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify.
- TÖNNIES, Ferdinand. 2001. *Community and civil society*. (Trad. Jose Harris e Margaret Hollis) Cambridge: Cambridge University

Press. [1887]

TURETZKY, Philip. 1998. *Time*. London: Routledge.

VARGAS, Eduardo V. 2000. *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

_____. 2007. Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal. In: Gabriel Tarde. *Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. São Paulo: Cosac & Naify, pp.7-50.

WEBER. 2004. Conceitos sociológicos fundamentais. In: *Economia e sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva*. Vol.1. (Trad.Regis Barbosa e Karen E. Barbosa) São Paulo: Editora UnB/Imprensa Oficial, pp.3-35. [1921]